

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE SÃO PAULO
SEBRAE-SP

PESQUISA E PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

O Desempenho das MPEs
no Setor Têxtil-Confeção

(Relatório de Pesquisa)

Realização:



Julho/01

ÍNDICE

Introdução	3
1. A estrutura da cadeia produtiva têxtil-confecção	5
2. Panorama atual e principais tendências na cadeia produtiva.....	23
3. As MPEs na cadeia têxtil-confecção: resultados da pesquisa de campo	28
4. Oportunidades e desafios às MPEs paulistas da cadeia têxtil-confecção	39
Referências Bibliográficas	44
Anexos	45

O Desempenho das MPEs no Setor Têxtil-Confeção

*Neusa Serra*¹

Introdução

A cadeia têxtil-confeção é composta das indústrias têxtil (fios, tecidos planos e malhas) e de confeção (vestuário e artigos confeccionados).

A indústria têxtil é a mais antiga do Brasil e chegou a responder, em 1949, por 20% do Produto Industrial, contra 4,3% da indústria de confeção. Junto com o setor de alimentos, que respondia por 20,5% do agregado, liderava a indústria de transformação brasileira. Com a ascensão da indústria química e do complexo metal-mecânico o setor têxtil foi perdendo importância relativa e em 1966 respondia por apenas 11% do Produto Industrial. O setor de confeção teve comportamento semelhante, passando a representar apenas 3,2%².

Em 1990 a participação dos setores têxtil e de confeccionados, em conjunto, tinha declinado para 2,9% do PIB e 10% do valor adicionado da indústria de transformação. A partir de então a produção do setor têxtil manteve-se estagnada, enquanto ocorria um severo processo de reestruturação de toda a cadeia. Em consequência, sua representatividade declinou ainda mais e em 1996 situou-se em apenas 1,4% do PIB e 6,4% da indústria de transformação³.

O processo de transformação pelo qual a cadeia vem passando tem sido mais intenso na indústria têxtil do que na de confeção. Das quase 5.000 empresas têxteis existentes no final da década de 80, 3.814 estavam em operação em 1996 e apenas 3.638 em 1997. A redução do tamanho da indústria foi acompanhada por drástica queda na oferta de emprego, que passou de 900 mil postos de trabalho em 1990 para 418,8 mil em 1996. A

¹ Pesquisadora da Divisão de Economia e Engenharia de Sistemas (DEES) do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S/A (IPT).

² IPEA, 1968.

³ Dados extraídos da Carta Têxtil de 1997. Segundo estimativa da Associação Brasileira da Indústria Têxtil - ABIT/SINDITÊXTIL, o consumo industrial de fibras, indicador do crescimento da indústria têxtil, foi decrescente em 1997 e somente em 1998 começou a apresentar sinais de recuperação.

despeito dessas mudanças, o consumo industrial de fibras vem se mantendo praticamente inalterado, em torno de 1,3 milhão de toneladas, nos últimos dez anos.

A manutenção dos níveis de produção num quadro de significativa redução do emprego decorreu de um grande aumento de produtividade. Para tal incremento de produtividade foram decisivos os processos de reestruturação técnica e gerencial das empresas, que incluíram a renovação dos equipamentos, a simplificação dos procedimentos administrativos e a terceirização de atividades consideradas não essenciais⁴.

O setor de confecção é o principal destinatário da produção da indústria têxtil. Embora a etapa da confecção seja constituída por uma indústria distinta, as maiores plantas têxteis internalizaram também esta etapa, que se distingue das demais por oferecer ao mercado um produto de maior valor agregado.

No setor de confecção, ao contrário do têxtil, o número de estabelecimentos formalmente constituídos aumentou de 15.369 para 18.036 de 1990 a 1996. A produção aumentou quase 50% no período, passando de 4,4 para 6,5 milhões de peças. Apesar disso, o nível de emprego permaneceu constante, em torno de 1,3 milhão de trabalhadores, indicando, também nesta indústria, um sensível aumento de produtividade.

A busca de racionalidade levou muitas empresas da cadeia à focalização num menor número de itens e à especialização em etapas determinadas do processo produtivo. Plantas integradas até a confecção optaram pela compra das fibras de algodão em fardos e pela terceirização da etapa de costura. Da mesma forma, na etapa do acabamento têxtil foi reforçada a tendência já existente de contratação de serviços de terceiros para várias modalidades de beneficiamento. Esses movimentos, ao lado do destaque assumido pelo segmento de malharias, que abriga um grande número de micro e pequenas empresas (MPEs), representam possibilidades de atuação para estas unidades de menor porte. As maiores exigências de preço, qualidade e cumprimento dos prazos de entrega

⁴ São consideradas atividades não essenciais aquelas não diretamente ligadas à produção, como manutenção, restaurante, serviços de limpeza, transporte, segurança etc.

representam, por outro lado, importantes desafios à ocupação desses espaços.

O objetivo deste artigo é discutir as oportunidades e desafios às MPEs da cadeia têxtil-confecção, considerando as mudanças na estrutura das indústrias na atual década e seus reflexos sobre a conduta e o desempenho da cadeia. O artigo é composto de quatro partes, a saber: 1) caracterização da cadeia, com a finalidade de verificar seus elos de ligação e localizar os principais espaços de atuação das MPEs; 2) indicação das principais tendências nacionais e internacionais das indústrias em questão; 3) análise da estrutura, da conduta e do desempenho das MPEs têxteis e de confecção, a partir dos dados de pesquisa de campo junto às empresas e de entrevistas com entidades representativas e 4) apresentação das principais oportunidades e desafios às MPEs.

1. A estrutura da cadeia produtiva têxtil-confecção

1.1. Caracterização da cadeia

A indústria têxtil propriamente dita é constituída dos segmentos de fiação, tecelagem e acabamento de fios e tecidos. O segmento de tecelagem subdivide-se, por sua vez, em tecelagem plana e malharia⁵. Cada um destes segmentos pode oferecer ao mercado um produto acabado e pode, na prática, estar desconectado dos demais. A descontinuidade do processo produtivo é uma característica marcante da indústria têxtil. Embora os segmentos - ou etapas do processo - se interliguem pelas características técnicas do produto a ser obtido⁶, essas etapas não precisam, necessariamente, serem todas internalizadas pelas empresas. É comum a especialização em apenas um ou dois segmentos, o que torna as relações cliente-fornecedor especialmente relevantes na cadeia.

Apesar das possibilidades de segmentação, várias das grandes empresas do setor são integradas da produção de fios à confecção, chegando, na maioria dos casos, até a distribuição, com a manutenção das próprias lojas.

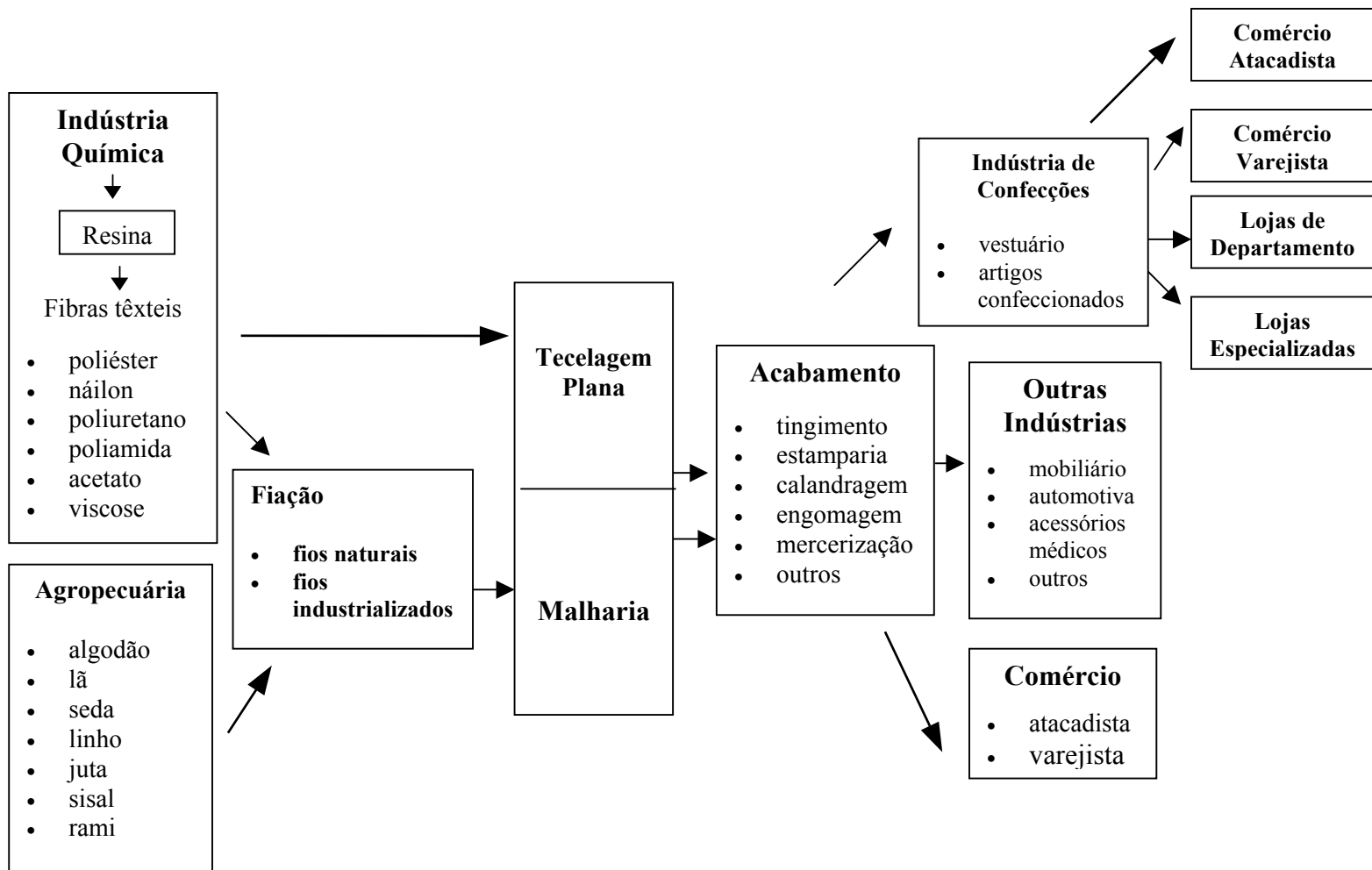
⁵ A diferença entre os dois segmentos é dada pelo processo utilizado, que por sua vez é responsável pelas diferenças no produto. Na malharia uma única máquina produz o tecido, dispensando-se as etapas anteriores de preparação dos fios, necessárias na tecelagem plana.

⁶ O tecido a ser obtido determina o tipo de fibra, as especificações do fio e as características do acabamento.

A Figura 1 permite a visualização da cadeia têxtil-confecção e de seus principais fornecedores e clientes. A indústria química tem participação destacada, pois além do fornecimento das fibras e filamentos artificiais e sintéticos - estes últimos oriundos da petroquímica - é também a responsável pelo suprimento dos pigmentos e corantes para a etapa de acabamento. As fibras naturais utilizadas pela indústria - algodão, seda, linho, juta, rami, sisal - são fornecidas pela agropecuária. Embora a maior parte das vendas do setor têxtil se destinem às confecções, outros setores, como o automotivo e o agropecuário, despontam hoje como compradores de tecidos, especialmente os especiais e de uso técnico. A parcela da produção destinada a estofamentos e acabamento interno de veículos automotivos e aviões, os chamados geotêxteis e os tecidos para uso médico-hospitalar representam pouco ainda da produção têxtil e constituem “especialidades”, embora representem segmentos promissores dentro da indústria.⁷ Com a difusão da indústria do vestuário e da “roupa pronta”, especialmente após a década de sessenta, o comércio de tecidos, especialmente no varejo, foi bastante reduzido.

⁷ O processo de produção dos “não-tecidos”, como são chamados alguns tecidos especiais e os de uso técnico, se dá por aglomeração de fibras e não por entrelaçamento de fios ou filamentos, como ocorre na tecelagem tradicional.

FIGURA 1 CADEIA TÊXTIL-CONFECÇÃO



Fonte: Elaborado pelo IPT.

O setor de confecções, último elo da cadeia, é composto dos segmentos de vestuário e artigos confeccionados. O segmento de vestuário é composto das classes de roupa íntima, de dormir, de esporte, de praia, de gala, social, de lazer, infantil e das classes de roupas especiais, como as de segurança, profissionais e de proteção.

O segmento de artigos confeccionados é composto pela fabricação de meias, modeladores, acessórios para vestuário, artigos de cama, mesa, banho, copa, cozinha e limpeza, artigos para decoração e artigos industriais e de uso técnico.

A produção do setor de confecção é destinada ao comércio atacadista, ao comércio varejista (cadeias e lojas independentes), às lojas de departamento, às lojas especializadas e a outras indústrias e atividades de serviços.

1.2. Formas de concorrência e integração entre os elos da cadeia

Apesar da modernização do parque industrial, com o aumento do emprego de equipamentos flexíveis, que permitem maior diversidade de modelos, a principal estratégia de concorrência das empresas - tanto têxteis quanto de confecções - continua sendo o preço. Para adequar-se a um novo patamar de preços, tendo em vista a concorrência das importações, as empresas tiveram que rever suas estruturas de custos e suas políticas de preços⁸. A modernização e o aumento da concorrência tiveram também, como resultado, a oferta de produtos de melhor qualidade. Seguindo-se ao preço, a qualidade e a capacidade de diferenciação de produtos - atendimento a demandas de pequenos lotes - figuram também como importantes estratégias de concorrência, tanto em têxteis quanto em confeccionados. No setor de confecções dois outros fatores são também importantes: a marca e o *design*. A comercialização de marcas já é prática comum no setor e a valorização do *design* tende a ser reforçada, dada a grande entrada de produtos estrangeiros para o atendimento dos segmentos mais exigentes do mercado.

⁸ De acordo com empresários entrevistados nesta pesquisa, o setor têxtil trabalhava com margens bastante altas até a década passada, mas o acirramento da concorrência levou a ajustes que significaram a sua redução aos níveis hoje praticados internacionalmente.

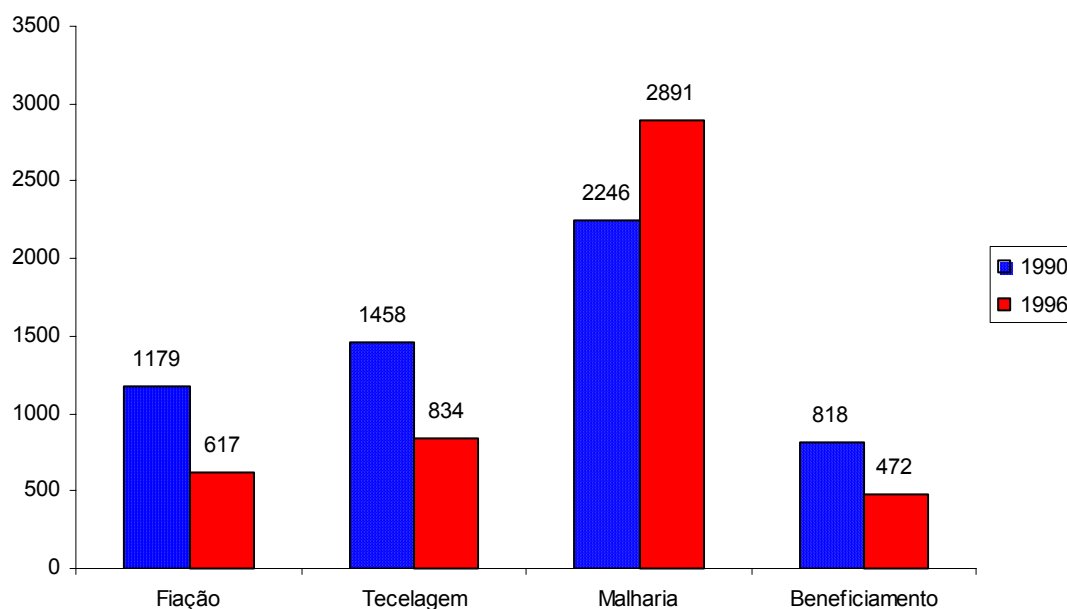
A Figura 2, que mostra o número de estabelecimentos do setor têxtil por segmento, em 1990 e 1996, permite verificar o expressivo crescimento das malharias, ao lado da redução do número de estabelecimentos dos demais segmentos⁹. Como os requisitos técnicos e financeiros necessários para a operação das plantas de malhas são relativamente baixos, praticamente inexistem barreiras à entrada de novas firmas no mercado e a presença de MPEs nesta indústria é bastante expressiva. No segmento de tecelagem plana a presença de MPEs se justifica porque ainda existem casos de empresas só dedicadas a esta fase do processo, o mesmo ocorrendo no acabamento. Neste último caso, como o processo não é seqüencial, diferenciando-se por isso da fiação e da tecelagem, as operações podem ser simultâneas e mutuamente excludentes, o que permite a existência de plantas de pequeno porte especializadas em determinados tipos de beneficiamento¹⁰. Os requisitos técnicos do tecido podem, por exemplo, não contemplar a operação de amaciamento, considerada especial, ou a de mercerização, própria de tecidos de algodão. A possibilidade de efetuar operações bastante específicas, não internalizadas pelas empresas integradas, permite a existência de espaço de atuação permanente às MPEs no segmento de acabamento.

No segmento de fiação os requisitos técnicos e financeiros para a operação das plantas são relativamente altos, impedindo a entrada de pequenas e microempresas. A escala mínima de operação na indústria de fibras sintéticas, por sua vez, gira em torno de 60 mil toneladas anuais, representando importante barreira à entrada. Este segmento da indústria química, no Brasil, é constituído por um oligopólio do qual participam cerca de 10 empresas.

⁹ O consumo de tecidos de malha pela indústria brasileira de vestuário cresceu 36% de 1996 para 1997, contra apenas 7% de tecidos planos. De acordo com o Sindicato das Malharias e Meias do Estado de São Paulo, entretanto, o aumento do número de malharias foi muito expressivo até 1996, mas a mortalidade de empresas no segmento é muito grande e a tendência de crescimento começou a reverter-se a partir de 1997.

¹⁰ É comum a existência de plantas integradas da fiação ao acabamento que não internalizaram determinadas operações desta última fase, por terem considerado mais econômico contratá-las junto a terceiros.

Figura 2 - Brasil - Indústria têxtil - número de empresas por segmento

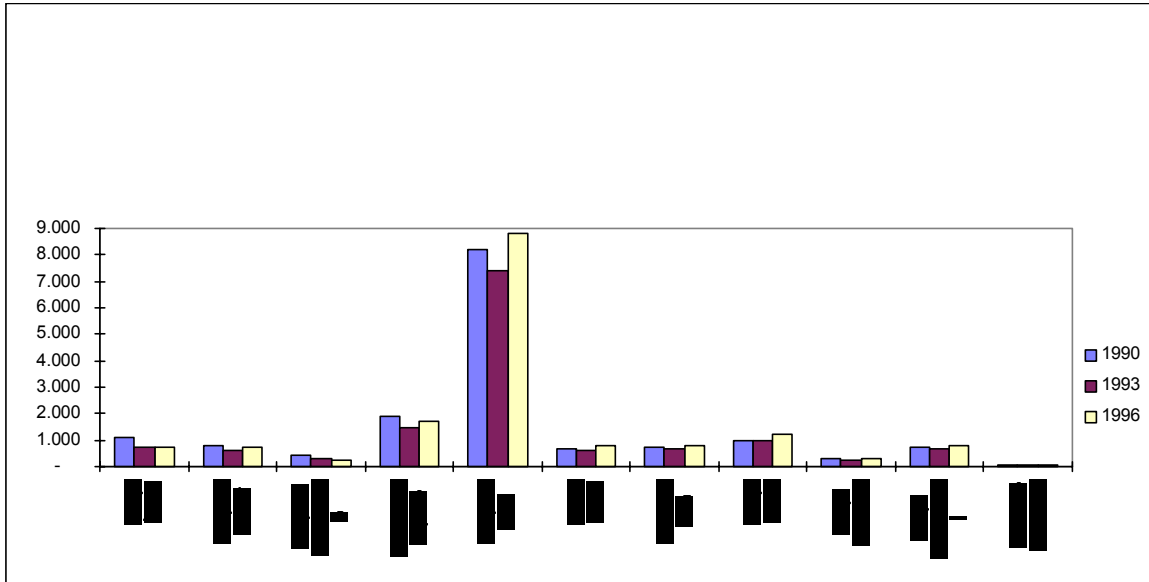


Fonte: Carta Têxtil (1997). Elaboração: IPT.

De 1990 a 1996 o número de estabelecimentos na indústria de confecção aumentou, conforme mostram as Figuras 3 e 4. O segmento de vestuário experimentou um abrupto aumento do número de unidades em operação de 1992 para 1993, seguido de uma queda significativa em 1994. Apesar de representarem 66% da indústria de vestuário e 78% da indústria de artigos confeccionados, as pequenas empresas¹¹ respondem por apenas 7,5% da produção da primeira e por 11,8% da produção da última, conforme se pode observar pelas Figuras 5 e 6. No segmento de vestuário a maior parcela da produção (58%) é realizada pelas empresas de médio porte. No de artigos confeccionados as grandes empresas respondem pela maior parcela (45%), mas são seguidas muito de perto pelas médias (43% do total).

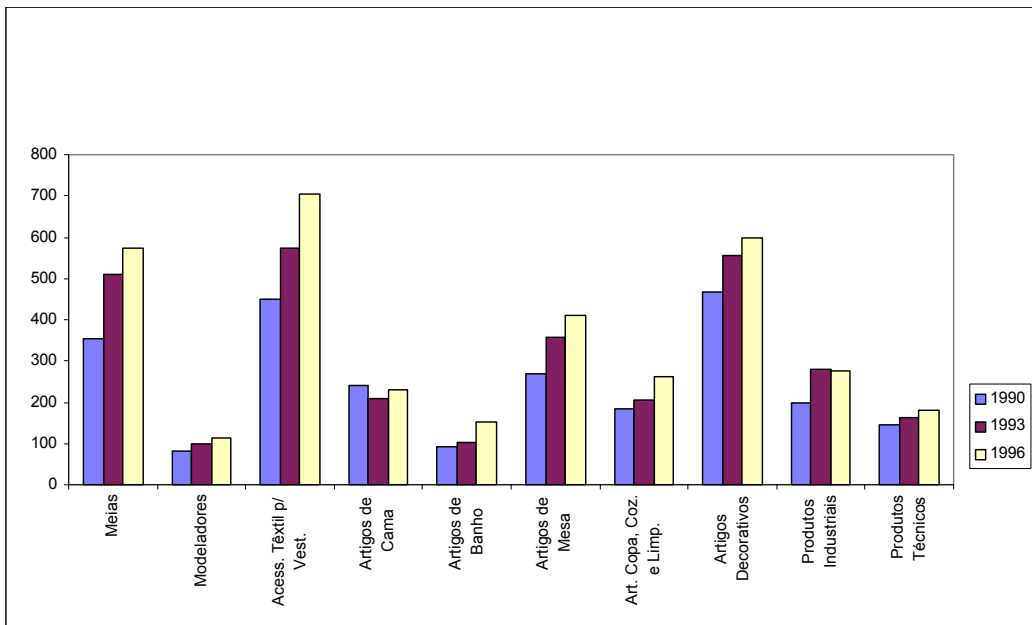
¹¹ O IEMI não distingue as micros das pequenas empresas. Segundo a classificação adotada pelo Instituto, são consideradas de pequeno porte as empresas com até 60 empregados na produção; de médio porte as empresas que contam de 61 a 300 empregados e grandes empresas aquelas com mais de 301 empregados na produção.

Figura 3 - Brasil - Número de empresas de vestuário por área de atuação - 1990-93-96



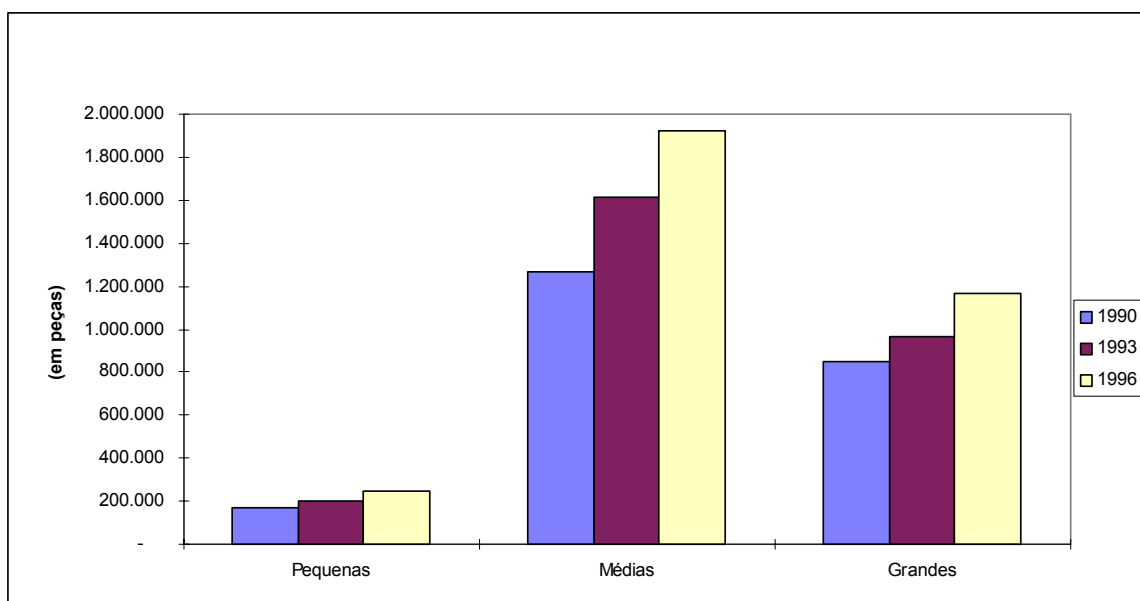
Fonte: IEMI (1997). Elaboração: IPT.

Figura 4 - Brasil - Número de empresas de artigos confeccionados por área de atuação - 1990-93-96



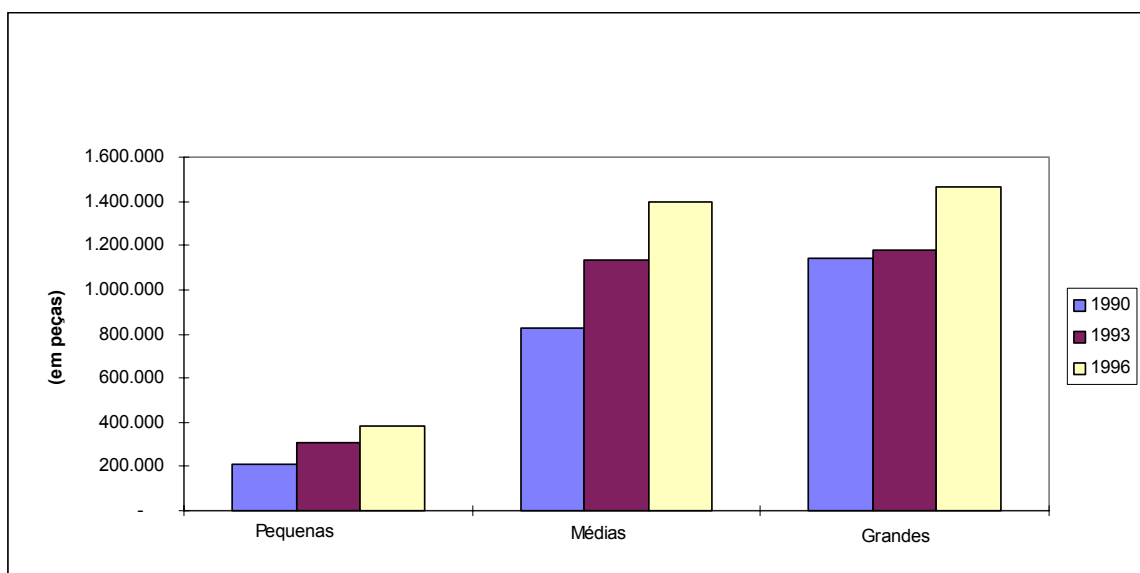
Fonte: IEMI (1997). Elaboração: IPT.

Figura 5 - Brasil - Produção física de vestuário segundo o porte das empresas - 1990-93-96



Fonte: IEMI (1997). Elaboração: IPT.

Figura 6 - Brasil - Produção física de artigos confeccionados segundo o porte das empresas - 1990-93-96



Fonte: IEMI (1997). Elaboração: IPT.

No setor de confecção, ao contrário de alguns segmentos do têxtil, não existem barreiras à entrada. A presença de MPEs nesta indústria é bastante expressiva. Segundo o IEMI - Instituto de Estudos e *Marketing* Industrial, 70 % das empresas brasileiras de confecção são de pequeno porte e 27% são de médio porte. Apenas 3% das confecções brasileiras são consideradas grandes¹². Apesar do grande número de empresas, a participação das MPEs na produção física do setor é de aproximadamente 10%¹³.

Em 1996, do total de tecidos planos produzidos no país, 20,7% destinaram-se a insumos das próprias empresas integradas, 22,5% ao comércio atacadista, 3,5% ao comércio varejista, 5,7% à exportação, 42,5% à indústria de confecções e 5,1% a outras indústrias. Do total de malhas, 47,1% destinaram-se a consumo próprio das empresas integradas, 17,3% ao comércio atacadista, 4,6% ao varejo, 26,8% à indústria de confecções, 3,5% a outras indústrias e 0,7% à exportação (Gorini & Siqueira, 1998).

Os principais canais de distribuição do setor de confecções no Brasil são o comércio atacadista, as grandes redes de varejo (incluindo as lojas de departamento e as lojas especializadas), o pequeno comércio de varejo (incluindo as pequenas cadeias e as pequenas lojas independentes), as cooperativas e instituições governamentais, outras indústrias e outros clientes em geral.

O relacionamento predominante entre os vários elos da cadeia têxtil-confecção não é de parceria. Existem dificuldades de comunicação e negociação, especialmente entre as indústrias têxteis e as de confecções. Entre estes elos há uma grande divergência de interesses, a começar pelo nível de proteção governamental. A indústria têxtil tem feito pleitos constantes para a adoção de barreiras não tarifárias à importação, como o estabelecimento de cotas, atualmente em vigor com referência às importações asiáticas, e a valoração aduaneira. Já a indústria de confecções pleiteia a abertura completa, pois tem interesse em dispor de maior variedade de padrões de tecidos. Segundo

¹² Dados de 1995.

¹³ Um levantamento similar para o setor têxtil realizado no início da década de oitenta revelou que 82% das 5.500 empresas existentes na época eram pequenas (tinham até 99 empregados) e respondiam por apenas 8,9% da produção. As empresas de porte médio (que tinham entre 100 e 499 empregados) representavam 16% e respondiam por 7,4% da produção. As grandes empresas (que tinham mais de 500 empregados) representavam apenas 2% do universo e respondiam por 83,5% do total da receita do setor (FEA-USP/SIND-CDI, 1982).

representantes da indústria de confecções, é difícil obter no mercado interno tecidos diferenciados em pequenas quantidades para o adequado atendimento da demanda.

1.3. Inserção das MPEs na cadeia produtiva

O conjunto de circunstâncias descrito permite eleger os segmentos de malharia¹⁴, tecelagem plana e acabamento de fios e tecidos como os mais relevantes da indústria têxtil do ponto de vista das MPEs. Tendo em conta a cadeia têxtil, a indústria de confecção precisa necessariamente ser incluída, dado o destacado papel das micro e pequenas empresas neste setor.

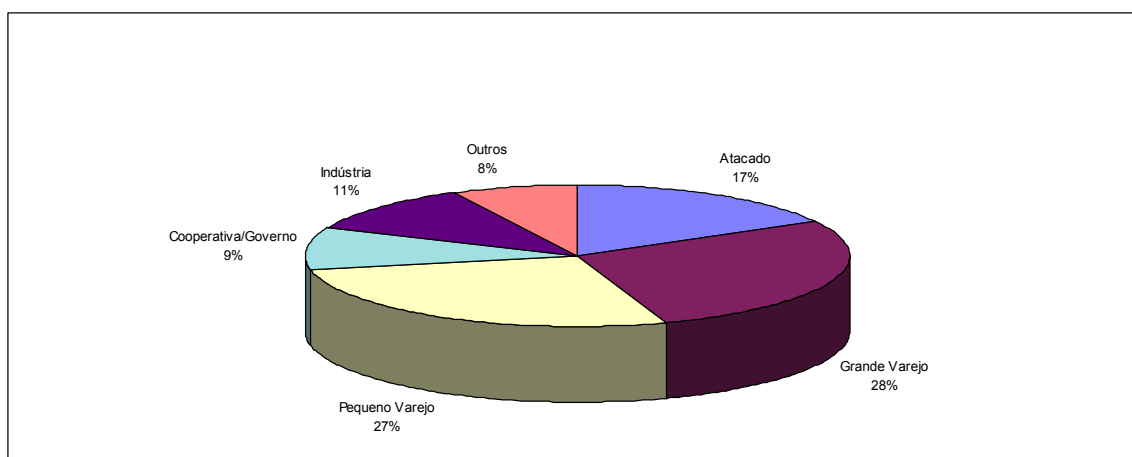
A notável presença de estabelecimentos de pequeno porte e a inexistência de concentração e de barreiras à entrada fazem do setor de confecções um espaço privilegiado para a atuação das MPEs. As dificuldades de automação da fase de costura mantêm o setor caracteristicamente trabalho-intensivo, o que lhe confere especial importância do ponto de vista do emprego¹⁵.

As entrevistas realizadas com empresários e entidades representativas da cadeia indicaram que as MPEs têm dificuldade para fornecer para os atacadistas e grandes lojas de varejo, que exigem padrões de qualidade, preço e prazo difíceis de serem atingidos pelas pequenas e microempresas. Os principais canais de comercialização das MPEs são constituídos pelo pequeno varejo, tanto na forma de cadeia quanto na forma de lojas independentes. Além disso, o fornecimento de artigos diferenciados para outras indústrias ou atividades de serviços, como uniformes e roupas profissionais, constitui outro importante canal de comercialização para as micro e pequenas empresas (ver Figura 7).

¹⁴ Entre os vários pólos de malharias no Brasil, com notável presença de MPEs, destacam-se Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, Criciúma, em Santa Catarina; Americana e Campos de Jordão, em São Paulo; Monte Sião, Juiz de Fora e Divinópolis, em Minas Gerais; Petrópolis, no Rio de Janeiro e Santa Cruz do Capiberibe, em Pernambuco.

¹⁵ Segundo os dados do IEMI, o setor de confecções empregou 1.365.528 pessoas em 1995, contra cerca de 500 mil do setor têxtil.

Figura 7 - Brasil - Canais de distribuição do setor de confecções no mercado interno - 1996



Fonte: IEMI (1997). Elaboração: IPT.

1.4. A cadeia têxtil-confecção no Estado de São Paulo

O Estado de São Paulo congrega praticamente toda a indústria de fibras químicas, além de cerca de 20% da oferta interna de algodão. Apesar da perda gradual de sua importância relativa, o Estado ainda abriga 51% das empresas têxteis e 37% das empresas de confecções, as quais respondem por 48% da produção física do setor no Brasil¹⁶.

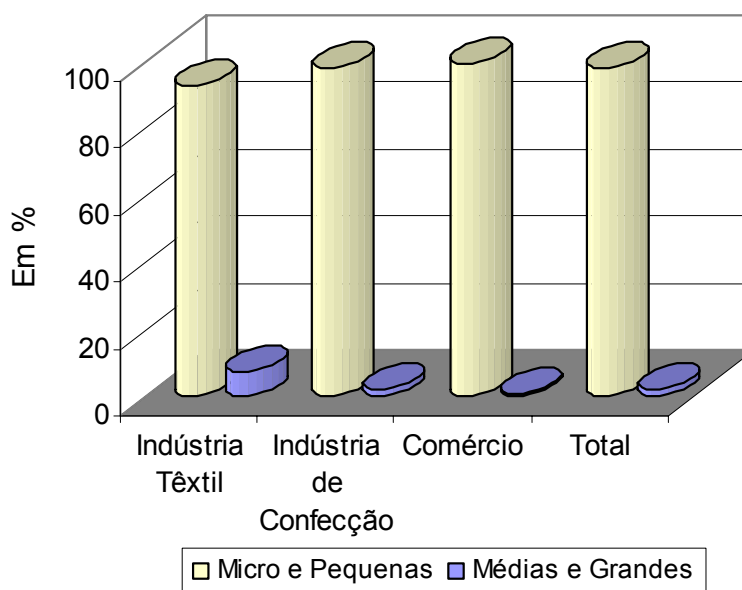
O grau de detalhamento dos dados do Cadastro de Estabelecimentos Empregadores do Ministério do Trabalho (CEE/MTb) permite a identificação dos segmentos com maior presença de MPEs. Dos quase 3 mil estabelecimentos de produtos têxteis (excetuando-se aqueles com zero empregado) identificados no Estado de São Paulo em 1997, cerca de 50% estão enquadrados nos segmentos de tecelagem plana, malharia e acabamento de tecidos, escolhidos para tratamento mais detalhado na segunda parte deste trabalho. A presença das MPEs nos segmentos de tecelagem de algodão, tecelagem de outras fibras, acabamento e outros artigos de malha é superior a 85% do total.

As micro e pequenas empresas (excluindo-se aquelas com zero empregado) representam

¹⁶ Segundo o IEMI o número de confecções paulistas atingiu 6.668 em 1996. De acordo com o Sindicato da Indústria de Vestuário esse número chega atualmente a 8.500. A diferença se deve ao grande número de estabelecimentos informais existentes no setor.

ainda 98% das unidades fabris do setor têxtil, 98% do setor de confecções e 99% do comércio de têxteis e confeccionados no Estado de São Paulo (ver Figura 8). As classes têxteis que mais congregam MPEs são as malharias, a tecelagem plana e os serviços de acabamento. No setor de confecções as MPEs se distribuem entre os vários segmentos, assumindo maior destaque na confecção de peças exteriores de vestuário, na fabricação de acessórios para vestuário e na de roupas profissionais.

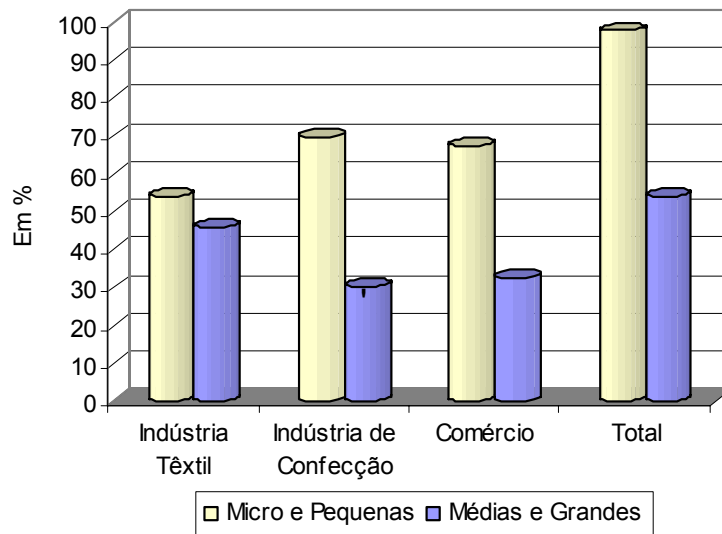
Figura 8 **Distribuição das Empresas da Cadeia Têxtil-Confeccção**



Fonte: CEE/CGETIP/SPES/MTb, maio/1997. Elaboração: IPT.

No que se refere ao emprego, no setor têxtil a participação das micro e pequenas empresas é bastante expressiva nas malharias. No setor de confecções a relevância das MPEs ocorre em todos os segmentos, com destaque para os acessórios para vestuário e para as roupas profissionais. No emprego do comércio, tanto de têxteis quanto de confeccionados, há uma clara predominância das micro e pequenas unidades. A forte presença de MPEs nos segmentos de confecções e no comércio faz com que a maior dos empregos da cadeia sejam gerados por MPEs (ver Figura 9).

Figura 9 **Distribuição do Emprego da Cadeia Têxtil-Confeccção**



Fonte: CEE/CGETIP/SPES/MTb, maio/1997. Elaboração: IPT.

1.6. Concentração na cadeia têxtil-confecção

Os índices Herfindahl-Hirschman¹⁷ de concentração construídos para as diversas classes dos setores têxtil e de confecções revelaram que os maiores graus de concentração se dão na indústria têxtil e que a indústria de confecções é desconcentrada¹⁸.

A Figura 10, que ilustra os índices de concentração do setor têxtil, mostra que as

¹⁷ O índice Herfindahl-Hirschman (HH) é calculado da seguinte forma: $HH = \sum_{i=1}^m (s_i)^2 * 10.000$, onde

s_i é participação da i -ésima empresa do mercado, medida por uma determinada variável. O índice HH considera, em seu cálculo, a participação de todas as empresas no mercado. Essa medida de concentração industrial está definida no intervalo entre 10.000 a 10.000/m. O mercado atinge o maior nível de concentração industrial quando $HH=10.000$, pois há uma única empresa com participação individual $s_i = 10.000$. Conforme o número de empresas é ampliado e o mercado é distribuído, cai o valor do HH. Essa medida de concentração industrial assume seu valor mínimo 10.000/m quando o mercado é concorrencial. Nesse caso, todas as empresas têm a mesma participação de mercado. Segundo critérios da *Federal Trade Commission* norte-americana, um mercado é considerado desconcentrado se o HH estiver entre 0 e 1.000; entre 1.000 e 1.800, o mercado é considerado moderadamente concentrado e entre 1.800 e 10.000, altamente concentrado.

¹⁸ O cálculo do índice para o setor de confecções veio confirmar a avaliação já feita pelas entidades representativas do setor (ABRAVEST e Sindicato da Indústria do Vestuário). Segundo estas entidades, nenhuma empresa do setor de confecções detém, sozinha, mais do que 2% do mercado.

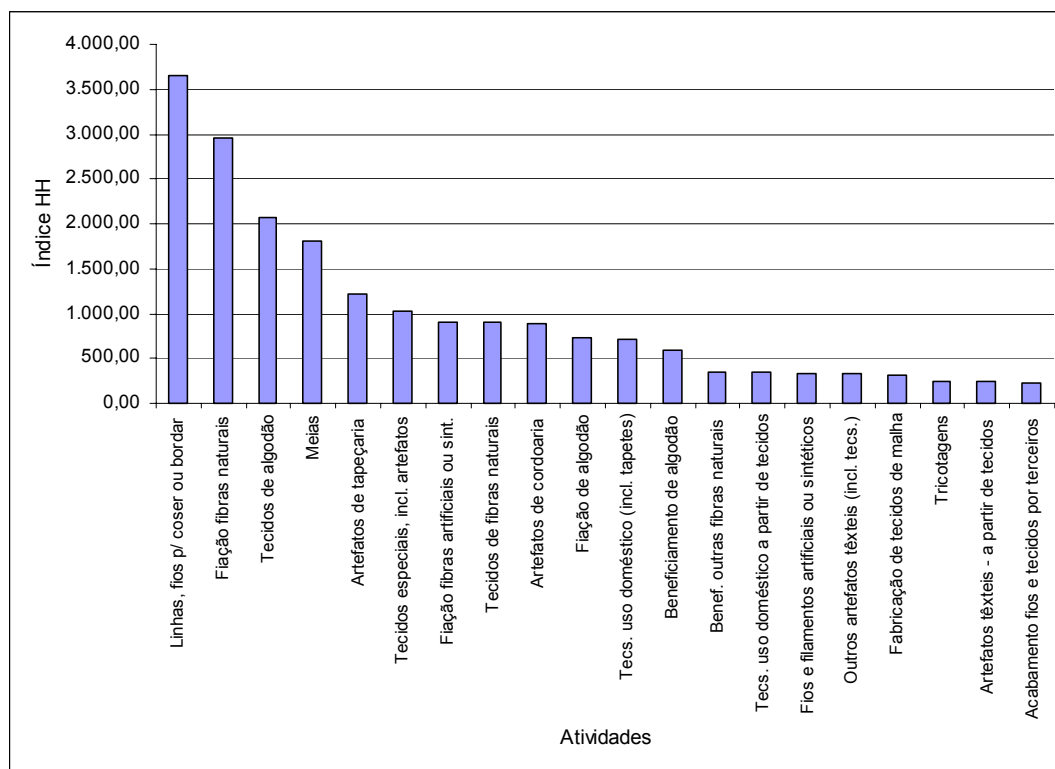
malharias e outros artefatos têxteis, os serviços de acabamento, as tecelagens¹⁹ de fios e filamentos químicos e outros artefatos e tecidos de uso doméstico apresentam os menores graus de concentração do setor.

Conforme se pode ver pela Figura 11, o setor de confecção é desconcentrado. No segmento de roupas para vestuário (exclusive peças interiores) o índice HH situou-se próximo de zero.

A Figura 12 mostra os índices HH do comércio de produtos têxteis e confeccionados. O comércio varejista de artigos de vestuário abriga 72% das empresas e 73% dos empregados do setor, além de baixíssimo índice concentração: 67,44. O comércio varejista de artigos de armarinho e o atacadista de artigos de vestuário exibem índices de concentração ainda mais baixos e abrigam, em conjunto, mais 24% das empresas e 19% dos empregados do setor.

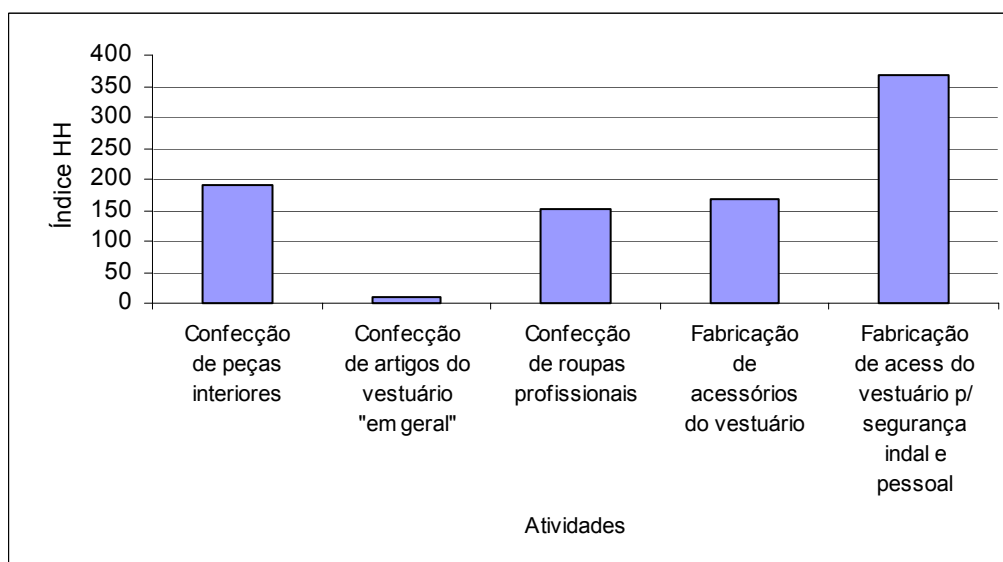
¹⁹ As tecelagens de fios de algodão (1731-0) e de outros fios naturais (1739-9) são classes também desconcentradas, mas em grau menor que as tecelagens de fibras e filamentos químicos.

Figura 10 - São Paulo - Índice Herfindahl-Hirschman de concentração no setor têxtil por classe



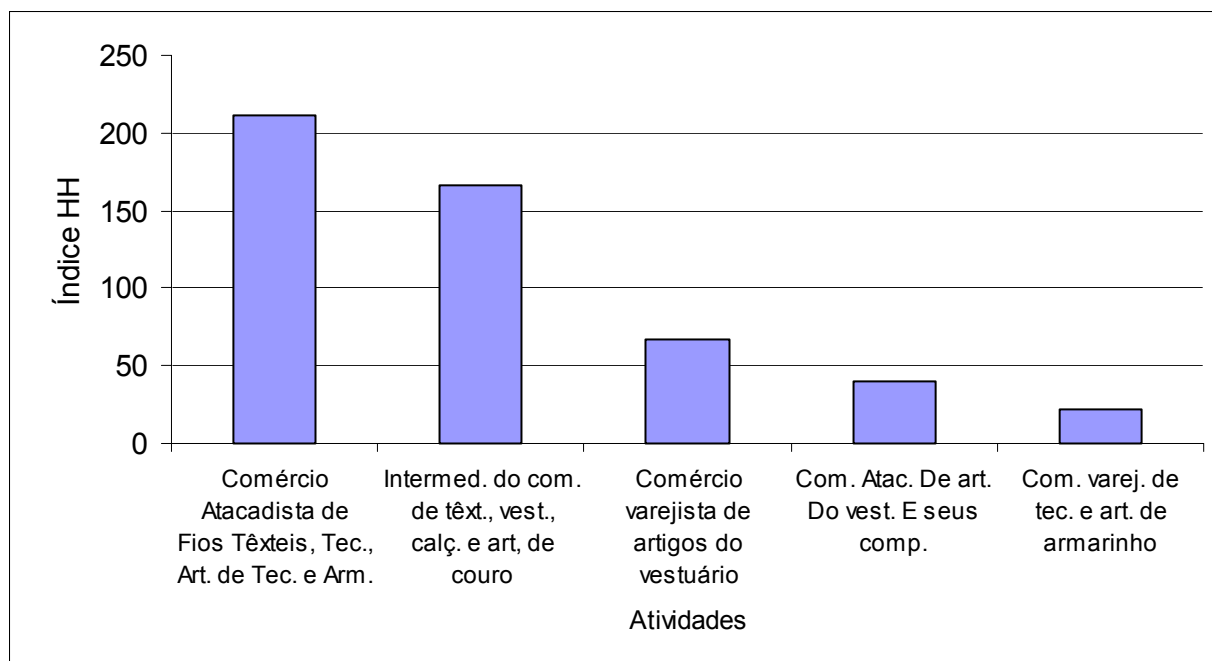
Fonte: CEE/CGETIP/SPES/MTb - maio/1997. Elaboração: IPT.

Figura 11 - São Paulo - Índice Herfindahl-Hirschman de concentração no setor de confecções por classe



Fonte: CEE/CGETIP/SPES/MTb - maio/1997. Elaboração: IPT.

Figura 12 - São Paulo - Índice Herfindahl-Hirschman de concentração no setor de comércio de têxteis e confecções por classe



Fonte: CEE/CGETIP/SPES/MTb - maio/1997. Elaboração: IPT.

A Tabela 1 sintetiza os índices de concentração da cadeia, distribuindo-os por setor e classe. As classes de fiação, fabricação de linhas, tecelagem de algodão, fabricação de meias e artefatos de tapeçaria são concentradas, elevando o índice médio do setor têxtil, que atinge 567,78. O índice médio do setor de confecções é extremamente baixo, apenas 43,79. Este resultado é altamente influenciado pela confecção de artigos de vestuário (exceto peças interiores e roupas profissionais), que concentra a maior parte das empresas e do emprego do setor e exibe um índice de concentração de apenas 10,72. O comércio de têxteis e confeccionados é também desconcentrado, especialmente nas atividades de varejo.

Tabela 1 - Índices de Concentração Herfindahl-Hirschman da cadeia têxtil-confeção (maio/1997)

Código	Classe	Empresas	MPEs (%)	Empregados	MPEs (%)	HH
	Total da Cadeia Têxtil-Vestuário	46.609	98,13	357.088	54,23	116,89
	<i>Total do setor têxtil</i>	5.740	91,87	126.744	27,93	567,98
1711-6	Beneficiamento de algodão	87	94,83	1454	64,58	593,35
1719-1	Beneficiamento de outras fibras têxteis naturais	155	93,40	2.671	58,33	356,19
1721-6	Fiação de algodão	46	58,54	11.274	4,44	733,60
1722-1	Fiação de outras fibras têxteis naturais	37	78,95	3.427	8,99	2.956,46
1723-0	Fiação de fibras artificiais ou sintéticas	120	76,47	11.043	8,58	911,59
1724-8	Linhas e fios para coser e bordar	92	87,50	6020	8,57	3.650,31
1731-0	Tecelagem de algodão	156	88,07	7571	21,46	2.074,12
1732-9	Tecelagem de fios e fibras têxteis naturais	108	93,83	2372	48,06	896,03
1733-7	Fios e filamentos contínuos artificiais ou sint	344	84,40	14804	23,34	334,47
1741-8	Tecido de uso doméstico incluindo tecelagem	369	92,05	5411	30,73	715,36
1749-3	Outros artefatos têxteis incluindo tecelagem	562	89,71	20.061	21,86	324,46
1750-7	Serviços de acabamento em fios e tecidos produzidos por terceiros	343	87,68	8.268	38,55	218,47
1761-2	Tecido de uso doméstico a partir de tecidos- exclusive tapetes	718	98,58	3.674	68,26	349,06
1762-0	Fabricação de artefatos de tapeçaria	267	93,58	3.250	22,28	1.224,51
1763-9	Fabricação de artefatos de cordoaria	94	73,33	1.241	64,54	879,88
1764-7	Tecidos especiais - inclusive artefatos	50	96,25	2.736	19,41	1.020,98
1769-8	Artefatos têxteis - a partir de tecidos - exclusive vestuário	813	94,64	5.280	57,78	238,05
1771-0	Fabricação de tecidos de malha	402	90,53	6.062	53,22	318,67
1772-8	Fabricação de meias	151	97,56	6.784	57,90	1.800,01
1779-5	Fabricação de outros artigos do vestuário produzidos em malharias (tricotagens) - exclusive meias	826	91,87	3.341	80,66	246,54
	<i>Total do setor confecções</i>	20.962	98,20	123.025	69,50	43,79
1811-2	Confecção de peças interiores	1.809	96,18	15.859	50,15	191,33
1812-0	Confecção de artigos do vestuário, exceto peças interiores e roupas profissionais	17.017	98,48	90.502	50,15	10,72
1813-9	Confecção de roupas profissionais	753	97,96	4.452	73,75	152,21
1821-0	Fabricação de acessórios do vestuário - exclusive acessórios para segurança industrial e pessoal	1.171	97,50	9.689	76,10	168,17
1822-8	Fabricação de acessórios para segurança industrial e pessoal	212	97,56	2.523	57,90	367,04
	<i>Total do comércio de têxteis e artigos confeccionados</i>	19.907	99,02	107.319	67,58	63,80
5116-0	Intermediários do comércio de têxteis, vestuário, calçados e artigos de couro	356	99,21	1.980	67,07	165,89
5141-1	Comércio atacadista de fios têxteis, tecidos, artefatos de tecidos e de armarinho	592	99,14	6.274	53,78	211,70
5142-0	Comércio atacadista de artigos do vestuário e seus complementos	1.164	96,79	7.001	81,10	40,47
5231-0	Comércio varejista de tecidos e artigos de armarinho	3.555	97,47	13.675	81,21	22,02
5232-9	Comércio varejista de artigos do vestuário	14.240	98,63	78.389	65,11	67,44

Fonte: CEE/CGETIP/SPES/MTb (maio 1997). Elaboração: IPT.

Com base nesses resultados e na representatividade das MPEs foram selecionadas as seguintes atividades para a realização da análise de organização industrial que compõe o próximo capítulo do presente trabalho: tecelagens, mallharias, serviços de acabamento têxtil e indústria de confecção em geral. Estas atividades compuseram o universo do levantamento de campo, ao lado dos demais segmentos da indústria de confecções.

1.7. Limitações e entraves institucionais

As alíquotas de importação diferenciadas existentes na cadeia²⁰ representam uma forma de regulamentação governamental que encontra vários opositores dentro das indústrias têxtil e de confecções. A ausência de proteção ao algodão, por exemplo, que é a nossa principal matéria-prima têxtil, tem de fato contribuído para o desestímulo ao cultivo. O Brasil importa atualmente pelo menos 50% de suas necessidades de algodão e essas importações são responsáveis diretas pelo estrondoso déficit comercial do setor têxtil, que atingiu a cifra de 1,151 bilhão em 1997.

De saída, a falta de diretrizes governamentais em relação ao algodão constitui um sério entrave institucional ao desenvolvimento da cadeia. A melhoria dos preços mínimos pagos ao produtor e a intensificação do controle de pragas devem se refletir num aumento da safra do corrente ano, mas a recuperação dos níveis de produção do passado depende da manutenção e melhoria dos incentivos.

Apesar da redução de alíquotas, os pleitos realizados pela cadeia têxtil junto ao governo resultaram na adoção de medidas de proteção não tarifária, em especial à indústria têxtil. A primeira dessas medidas foi a instituição de salvaguardas em relação às importações têxteis asiáticas, atualmente em vigor, que deverão expirar-se em 1999. Uma segunda medida, mais recente, refere-se à instituição da valoração aduaneira, que prevê a classificação tarifária pelo valor médio internacional do produto.

Outros entraves importantes, com repercussões diretas sobre a atuação das MPEs, são a

²⁰ A Tarifa Externa Comum do Mercosul - TEC - varia de 2 e 3% para fibras naturais como linho, rami e algodão a 18 e 20% para artigos como tecidos e confecções. A tributação progressiva segue a lógica do valor agregado na cadeia, independente das condições da oferta interna. Dentro dessa lógica, o algodão é

escassez da oferta de financiamentos e a alta taxa de juros praticada internamente. As empresas dependem quase que exclusivamente de recursos próprios para a realização de investimentos, o que limita a concretização de seus projetos de modernização e/ou expansão.

2. Panorama atual e principais tendências na cadeia produtiva

2.1. Internacionais

As indústrias têxtil e de confecções sofreram recentemente um importante processo de reestruturação no nível internacional. Os fatores detonadores das mudanças foram o declínio da taxa de crescimento do consumo *per capita* de vestuário nos países avançados²¹ na década de setenta e a emergência de novos concorrentes como a Coreia do Sul, Taiwan e a própria China. A reação dos tradicionais produtores - Alemanha, Itália, Estados Unidos, Inglaterra e França - se deu na forma de aumento do protecionismo, do qual um exemplo foi o Acordo Multifibras, de 1974, e a intensificação da adoção de inovações de processo que resultaram em redução de custos e aumento da produtividade.

As principais tendências tecnológicas do setor têxtil são: (i) redução do conteúdo do trabalho no processo produtivo, pela intensificação da automação; (ii) melhoria da qualidade dos produtos, pelo aperfeiçoamento dos equipamentos e processos e (iii) sensível aumento da flexibilidade na produção, pelo crescente emprego da chamada automação flexível.

Na indústria de confecções o emprego da automação está se dando num ritmo mais lento. Ainda não se conseguiu a automação da fase da costura, o que mantém o setor ainda trabalho-intensivo. Contudo, notáveis avanços tecnológicos se deram na concepção, *design* e corte dos tecidos, pelo emprego dos sistemas CAD-CAM.

hoje taxado em apenas 3%, devendo chegar a 2001 em 6%.

²¹ A taxa de crescimento do consumo de vestuário nos países da Comunidade Européia caiu de 3,9% no

Além destes avanços, o emprego de sistemas de automação flexível na indústria têxtil e de inovações na gestão, como a introdução do sistema de células de manufatura na confecção, permitiram o aumento da flexibilidade da produção, com a introdução de pequenos lotes de produtos diferenciados, visando ao atendimento de mercados específicos, em contraposição à tradicional produção padronizada em larga escala.

2.2. Nacionais

No nível nacional a indústria sofreu os reflexos das transformações ocorridas no mundo. Como a indústria só ficou efetivamente exposta à concorrência internacional após 1990, foi a partir daí que os efeitos da reestruturação se fizeram sentir internamente com mais força.

O processo de reestruturação vivido pela indústria têxtil nacional ainda não se encerrou, segundo os próprios empresários do setor. Na atual década muitas empresas desapareceram, muitos postos de trabalho foram eliminados, muitos equipamentos foram sucateados, muitas experiências de reforma administrativa foram empreendidas.

Embora tal processo de reestruturação tenha sido comum a toda a cadeia têxtil, foi nas tecelagens que ele se deu de forma mais intensa²². A substituição de equipamentos, com a adoção de modelos mais modernos e produtivos, se deu mais neste segmento do que nas fiações e malharias. De forma geral entretanto, os investimentos recentes da indústria têxtil dirigiram-se, na maioria dos casos, à modernização das plantas e não à expansão da capacidade²³.

Dentro do movimento de reestruturação ora em curso as empresas estão buscando sair do mercado de *commodities* e produzir itens de maior valor agregado. Para isso tem

período 1963-72 para 0,9% no de 1973-82 (Mitelka, 1991).

²² Os teares à pinça existentes no País, por exemplo, saltaram de 15,5 mil em 1989 para 22,8 mil em 1996; os teares à projétil de 3,7 mil para 5,0 mil; os teares à jato de ar, crescentemente mais modernos e versáteis, saltaram de 1,1 mil para 5,2 mil e os teares a jato de água instalados aumentaram de 53 para 130 unidades nos sete anos considerados. No mesmo período, o parque de máquinas das fiações e malharias experimentou poucas alterações, apesar da variação do número de empresas. Na verdade, as fiações brasileiras já haviam sofrido um significativo processo de modernização na década de oitenta e a idade média de seus equipamentos atinge hoje apenas cerca de 15 anos.

²³ Um dos raros casos de novos investimentos no setor é representado pela Textilpar, no Paraná, uma empresa constituída pela Cooperativa de Cafeicultores de Maringá para a produção de brim.

havido investimentos no desenvolvimento de novos produtos e na diferenciação dos existentes. Na busca de diferenciação, as empresas têm direcionado os investimentos principalmente para a fase de acabamento.²⁴

Em síntese, as principais tendências observadas tanto na indústria têxtil quanto na de confeccionados, no Brasil, são a realocação industrial e a revisão da atual linha de produtos, com a focalização num número limitado de itens.

2.2.2. Efeitos do comércio internacional

Apesar da intensificação das trocas entre países, a participação brasileira no comércio internacional continua estabilizada em aproximadamente 1% dos têxteis e 0,5% dos confeccionados.

O déficit comercial do Brasil no conjunto de produtos da cadeia têxtil atingiu US\$ 1,015 bilhão em 1996 e US\$ 1,151 bilhão em 1997, montantes quase equivalentes ao valor das exportações no mesmo ano. O principal item na pauta de importações continuou sendo o agregado de fibras têxteis e, dentre estas, o algodão.

As fibras representaram 42,9% das importações do setor em 1996 e o algodão sozinho atingiu 37,3%. Os fios e filamentos representaram 17,7%, mantendo o mesmo comportamento observado nos últimos anos. A importação de tecidos, que representou 12,9% do total em 1996, foi quase 50% inferior ao atingido em 1995. Do montante de US\$ 2,418 bilhões importados em 1997, as fibras representaram 40% e o algodão sozinho representou 34%. Os demais itens mantiveram o mesmo comportamento de 1996. Para 1998 a expectativa é de menor pressão sobre a pauta de importações, em função da retomada do plantio de algodão. Estima-se que a produção interna alcance 500 mil toneladas, o que significa uma importação de apenas 300 mil toneladas (63% do montante importado em 1997) para atingir o patamar das 800 mil toneladas de algodão utilizadas anualmente pela indústria têxtil brasileira.

²⁴ Um exemplo foi a compra da Texcolor (unidades de tinturaria, estamparia e acabamento) pela Teka, visando a entrada da empresa no mercado de produtos mais sofisticados (IPT, 1996).

A redução das compras brasileiras de tecidos artificiais e sintéticos, conforme se pôde constatar, (em 1997 os tecidos representaram apenas 12,8% da pauta de importações) significa que a ameaça representada pela China e países do sudeste asiático à produção brasileira de tecidos está deixando de ser importante. O item “outras manufaturas têxteis”, que inclui tapetes, carpetes e tecidos para uso técnico, representou 12,3% das importações têxteis em 1997 e as confecções representaram 17,3% (cerca de US\$ 420 milhões).

O grande salto na importação de artigos confeccionados ocorreu de 1994 para 1995, quando as compras desses itens no exterior foram triplicadas. De 1995 a 1996 as importações de vestuário mantiveram-se estáveis e de 1996 a 1997 ocorreu um crescimento de 20%.

O extraordinário aumento das importações têxteis brasileiras, lideradas pelo algodão, ocorreu de 1992 para 1993, quando estas passaram de US\$ 535,8 milhões para US\$ 1,175 bilhão. Os saldos da balança comercial do setor, até então superavitários e em torno de US\$ 1 bilhão, caíram sensivelmente, aproximando-se de zero em 1994 e passando a deficitários a partir de 1995.

As exportações vinham se mantendo praticamente estáveis, em torno de US\$ 1 bilhão, desde 1985, e de 1995 para 1996 houve uma redução de 10% no valor total exportado, o que demonstra a dificuldade que os produtos têxteis brasileiros têm para fazer frente à concorrência internacional. Este conjunto de informações pode ser visualizado na Tabela 2.

Apesar do setor de confecção estar voltado praticamente apenas ao mercado interno (cerca de 90% das vendas), o agregado dos confeccionados vem liderando as exportações da cadeia têxtil nos últimos anos, representando 43,3% do total em 1994 e 36,5% em 1995 e 1996. Em seguida vêm os tecidos (22% em 1996), as outras manufaturas têxteis (15,5%) e os fios naturais e artificiais/sintéticos (13,9%).

Além do déficit comercial crescente, os dados revelam a expansão dos negócios com os países do Mercosul. O Uruguai, o Paraguai e a Argentina responderam, em conjunto,

por 29,8% das importações e por 31,5% das exportações têxteis brasileiras em 1996²⁵.

Os países que compõem a NAFTA - *North American Free Trade Association* e a UE - União Européia são bastante representativos no que se refere ao destino das exportações brasileiras de produtos têxteis. Os tigres asiáticos e a China são inexpressivos como compradores de nossos produtos (apenas 2,75%). A situação é bastante diferente quando se considera as importações. Depois dos países do Mercosul, que nos fornecem principalmente matérias-primas (algodão e lã), a China e os países do sudeste asiático destacam-se como grandes fornecedores (principalmente de tecidos e confecções) do mercado brasileiro. Em 1996 nossas importações têxteis oriundas desses países somaram US\$ 383,5 milhões e nossas exportações dez vezes menos, apenas US\$ 35,4 milhões.

²⁵ O saldo negativo da balança comercial têxtil do Brasil com os países do Mercosul (o déficit de 1996 atingiu US\$ 280 milhões) se deve principalmente às importações de algodão em pluma do Paraguai e da Argentina. O Paraguai é hoje o nosso principal fornecedor de algodão e o Brasil o maior comprador do algodão paraguaio.

Tabela 2 – Brasil – Importação de produtos têxteis e confecções – 1994/1997

Itens	1994		1995		1996 (1)		1997(2)	
	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%
I. Fibras têxteis	659.570,4	49,86	719.040,6	31,47	992.379,4	42,95	958.862,8	39,65
1. Industrializados	52.549,3	3,97	110.467,7	4,83	93.700,5	4,06	92.802,8	3,84
2. Naturais (exclusive algodão)	47.250,1	3,57	59.808,0	2,62	35.035,1	1,52	48.666,5	2,01
3. Algodão	559.771,0	42,31	548.764,9	24,01	863.643,8	37,38	817.393,5	33,80
II. Fios	55.534,8	4,20	131.460,0	5,75	79.827,2	3,45	101.385,6	4,19
1. Artificiais sintéticos	5.718,9	0,43	36.506,3	1,60	25.391,6	1,10	49.968,7	2,07
2. Naturais (exclusive algodão)	20.178,2	1,53	23.436,8	1,03	10.961,1	0,47	9.414,5	0,39
3. Algodão	29.637,7	2,24	71.516,9	3,13	43.474,5	1,88	42.002,4	1,74
III. Filamentos	135.991,2	10,28	308.695,3	13,51	329.207,7	14,25	330.534,1	13,67
IV. Tecidos	252.442,9	19,08	576.732,9	25,24	295.554,9	12,79	310.704,3	12,85
1. Artificiais/sintét. de filamentos e fibras	179.273,4	13,55	386.030,6	16,89	141.218,0	6,11	140.329,8	5,80
2. De algodão	33.423,1	2,53	109.084,5	4,77	75.846,0	3,28	64.197,3	2,65
3. De fibras naturais e de malha	39.746,4	3,00	81.617,8	3,57	78.490,9	3,40	106.177,2	4,39
V. Confecções	104.385,6	7,89	351.484,5	15,38	348.962,3	15,10	419.495,0	17,35
VI. Outras manufaturas têxteis	115.046,0	8,70	197.679,9	8,65	264.764,0	11,46	297.391,9	12,30
TOTAL	1.322.970,9	100,00	2.285.093,2	100,00	2.310.695,9	100,00	2.418.373,8	100,00

Obs: (1) Dados preliminares atualizados (2) Dados preliminares

Fonte: Carta Têxtil 1998. Elaboração: IPT.

3. As MPEs na cadeia têxtil-confecção: resultados da pesquisa de campo

3.1. Alguns elementos da estrutura

A amostra da pesquisa de campo realizada junto a 94 MPEs do Estado de São Paulo foi composta de 66 unidades de tamanho micro (até 19 empregados) e 28 unidades de pequeno porte (até 99 empregados)²⁶. Como o universo da indústria de confecção é muito mais numeroso que o da indústria têxtil,²⁷ da amostra constaram 85 confecções e

²⁶ De acordo com o critério do SEBRAE.

²⁷ No cadastro do CEE/MTb de maio de 1997, utilizado como base da dados para a composição da amostra, constaram 1.117 unidades têxteis (incluindo tecelagem de algodão, de outras fibras naturais e de fibras químicas; beneficiamento de fios e tecidos e malharias) e 9.212 unidades de confecção (incluindo

9 empresas têxteis, igualmente distribuídas entre unidades de tecelagem, malharia e beneficiamento.

A partir da análise dos dados de campo foi possível constatar que as pequenas conseguem permanecer mais tempo no mercado (74% das pequenas e apenas 30% das microempresas são anteriores a 1985) enquanto entre as micros a rotatividade é maior. Mais de 40% das empresas com até 19 empregados é posterior a 1991, conforme se pode ver pela Tabela 3.

Tabela 3 Estado de São Paulo – Distribuição das MPEs da amostra, por período de fundação e porte

Período/porte	Em %							Total
	Até 1970	1971/1975	1976/1980	1981/1985	1986/1990	1991/1995	1996 em diante	
Micro	6,1	-	7,6	16,7	21,2	39,4	9,1	100,0
Pequenas	25,9	11,1	18,5	18,5	14,8	11,1	-	100,0
Total	11,8	3,2	10,8	17,2	19,4	31,2	6,5	100,0

Fonte: Pesquisa de campo 05/98. Elaboração: IPT.

Aparentemente as microempresas, exatamente por se sentirem mais fragilizadas, planejam sair dessa condição. Esta aspiração é revelada pelos projetos de novos investimentos: enquanto as pequenas empresas planejam modernizar a produção, adquirindo novos equipamentos e adotando novas práticas de gestão, as micros planejam aumentar a capacidade instalada, adquirindo novos equipamentos e instalações (ver Tabela 4).

Tabela 4 – Estado de São Paulo - Distribuição das MPEs por porte e perspectiva de investimento

peças interiores, peças exteriores, roupas profissionais, roupas de segurança e acessórios). Foram selecionadas do cadastro apenas as classes com presença expressiva de MPEs e baixo grau de

Porte/ Invest.	<i>Modernizar a produção (novos equip.)</i>	<i>Produção (novas técnicas)</i>	<i>Capacidade (novos equip.)</i>	<i>Capacidade (novas instalações)</i>	<i>Outros invest.</i>	<i>Não irá investir</i>	<i>Total</i>
Micro	14,4	12,4	20,6	19,6	6,2	26,8	100,0
Pequenas	29,8	29,8	6,4	14,9	6,4	12,8	100,0
Total	19,4	18,1	16,0	18,1	6,3	22,2	100,0

Fonte: Pesquisa de campo 05/98. Elaboração: IPT.

É nítida entre as MPEs da cadeia a distinção entre “façonista”²⁸ e empresa com linha de produtos própria. Do universo pesquisado, 30% das empresas opera na forma de feição e 70% de forma independente.

Muitos dos “façonistas” são ex-empregados de empresas têxteis e de confecções e adquiriram delas os equipamentos com os quais operam. Tais equipamentos são mais antigos que os das empresas com linha de produtos própria, conforme se pode constatar pela Tabela 5.

concentração.

²⁸ “Façonista” é uma empresa legalmente constituída que não tem linha de produtos própria, só trabalha sob encomenda para terceiros. Como recursos produtivos, estas empresas contam apenas com as instalações, os equipamentos e a mão de obra. A matéria-prima, os insumos e as instruções para a fabricação são fornecidos pelo cliente. Esta modalidade de operação é bastante comum na fase de costura.

Tabela 5 - Estado de São Paulo - Distribuição das MPEs por tipo de operação e idade média de equipamentos

Em %

<i>Operação/ Idade(anos)</i>	<i>0 a 5</i>	<i>6 a 10</i>	<i>11 a 15</i>	<i>16 a 20</i>	<i>Mais de 20</i>	<i>Total</i>
Façonista	56,0	16,0	24,0	4,0	-	100,0
Empresa com linha de produtos própria	38,1	34,9	9,5	7,9	9,5	100,0

Fonte: Pesquisa de campo 05/98. Elaboração: IPT

As MPEs operam preferencialmente em “nichos” que lhes garantem a comercialização dos produtos. Um desses nichos é constituído pelas “roupas profissionais”, comercializadas muitas vezes com as próprias empresas industriais e de serviços (metalúrgicas, hotéis, clubes etc). A atuação em nichos permite que uma pequena parcela das empresas consiga atingir o mercado externo, praticamente inacessível à maioria das MPEs.

O principal tipo de cliente das MPEs paulistas são as empresas atacadistas (28,7%), seguidas pelas lojas de varejo independente (18,8%). As vendas a outras indústrias ou atividades de serviços representam 16,8% e a cadeias de varejo 12,9%. Embora muitas MPEs mantenham as próprias lojas, estas representam apenas 8,9% das vendas. As vendas a lojas especializadas e de departamento, que têm rigorosas exigências no que se refere a qualidade e prazo, são muito pequenas e representam, respectivamente, 5 e 2% do total comercializado. A representatividade de cada canal de comercialização das MPEs é ilustrada na Tabela 6.

Tabela 6 Estado de São Paulo - Distribuição das MPEs por destino da produção

e principal tipo de cliente (%)

Em %

Ponto/ Cliente	Varejo			Lojas			Loja Própria	Outros	Total
	Atacadistas de Varejo	Cadeias e Independent	Outras Indústrias	Lojas de Depto. s	Especializada				
Somente o município	22,4	14,3	22,4	12,2	2,0	2,0	16,3	8,2	100,0
Municípios vizinhos	21,4	7,1	21,4	28,6	-	-	7,1	14,3	100,0
Outras regiões(SP)	36,8	10,5	21,1	21,1	-	15,8	-	5,3	100,0
Outros Estados	53,3	13,3	13,3	6,7	6,7	6,7	-	-	100,0
Exterior	-	25,0	25,0	50,0	-	-	-	-	100,0
Total	28,7	12,9	18,8	16,8	2,0	5,0	8,9	6,9	100,0

Fonte: Pesquisa de campo 05/98. Elaboração: IPT.

As vendas da maior parte das micro e pequenas empresas paulistas não alcançam um raio superior às fronteiras do próprio Estado. Do total comercializado, 84,5% destina-se apenas ao Estado de São Paulo e 50% ao próprio município. Apenas 1,7% das MPEs conseguem atingir o mercado externo (ver Tabela 7).

Tabela 7 - Estado de São Paulo - Distribuição de MPEs por destino da produção e porte

Ponto de venda/empregados	Em %		
	0 - 19	20 - 99	Total
Somente o município	57,0	35,1	50,0
Municípios Vizinhos	13,9	21,6	16,4
Outras Regiões (SP)	15,2	24,3	18,1
Outros Estados	12,7	16,2	13,8
Exterior	1,3	2,7	1,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo 05/98. Elaboração: IPT.

Algumas MPEs começaram a operar com equipamentos de segunda mão, conforme se pôde constatar pela incidência (quase 23,6% do total) de empresas fundadas a partir de 1991 que operam com equipamentos com mais de 20 anos (ver Tabela 8). Este dado, isoladamente, não significa necessariamente que as MPEs estão defasadas do ponto de

vista tecnológico, pois em várias situações, como na produção diferenciada e em pequenos lotes de tecidos de moda, que implicam muitas paradas de máquina, os equipamentos antigos são mais adaptados. Entretanto, este dado associado à dificuldade de acesso das MPEs às lojas de departamento e especializadas, configuram uma condição de dificuldade de ordem tanto tecnológica quanto gerencial.

Tabela 8 - Estado de São Paulo - Distribuição das MPEs por idade média dos equipamentos e período de fundação

<i>Período/ Idade</i>	Em %							<i>Total</i>
	<i>Até 1970</i>	<i>1971/ 1975</i>	<i>1976/ 1980</i>	<i>1981/ 1985</i>	<i>1986/ 1990</i>	<i>1991/ 1996</i>	<i>1996 em diante</i>	
0 a 5 anos	9,1	-	36,4	46,7	52,6	51,7	66,7	43,6
6 a 10 anos	36,4	33,3	36,4	33,3	26,3	34,5	-	30,9
11 a 15 anos	18,2	33,3	9,1	20,0	10,5	6,9	16,7	12,8
16 a 20 anos	18,2	33,3	18,2	-	5,3	-	-	6,4
Mais de 20 anos	18,2	-	-	-	5,3	6,9	16,7	6,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo 05/98. Elaboração: IPT.

A principal exigência dos clientes das MPEs é o prazo de entrega (segundo o depoimento de 40% das empresas entrevistadas), seguida pela observância de determinados padrões de qualidade (para 18%) e preços competitivos (para 11,2%). Exigências como documentação/certificação, controle do processo e controle do projeto são mais reduzidas, o que parece de acordo com os principais canais de comercialização das MPEs e com a presumida defasagem tecnológica e de gestão (ver Tabela 9).

Tabela 9 - Estado de São Paulo - Distribuição das MPEs por principal exigência dos clientes

e canais de comercialização

Em %

Exigências/Clientes	Varejo								Total
	Atacadista	Cadeias de varejo	independent e	Outras Indústrias	Lojas de Depto.	Lojas especializadas	Lojas	Outros	
Documentação	7,4	11,1	6,5	13,9	11,1	28,6	13,3	-	9,6
Controle do processo	9,9	-	2,2	8,3	-	-	6,7	23,1	6,8
Controle do projeto	8,6	11,1	10,9	19,4	-	-	-	-	8,8
Qualidade	8,6	7,4	28,3	25,0	33,3	28,6	26,7	7,7	18,1
Preço	9,9	14,8	10,9	5,6	11,1	-	16,7	23,1	11,2
Prazo de entrega	53,1	55,6	30,4	22,2	44,4	42,9	26,7	30,8	39,8
Outros	2,5	-	10,9	5,6	-	-	10,0	15,4	5,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo 05/98. Elaboração: IPT.

3.2. Resultados da análise fatorial

O questionário, instrumento utilizado para a coleta de dados em campo, compunha-se de duas partes. A primeira foi composta de questões relativas à identificação das empresas (número de empregados, segmentos de atividade, principais tipos de clientes) e de estratégias de ação das empresas (políticas de investimento). Os resultados desta primeira parte foram sumariados no item 3.1. precedente.

Na segunda parte, que objetivou mensurar atributos da estrutura de mercado, da estrutura organizacional, da conduta e do desempenho das firmas, foram apresentadas afirmações sobre as quais o entrevistado manifestou o grau de concordância/discordância numa escala de variação de um a sete, conhecida como escala Likert²⁹ (Figura 13).

²⁹ Ver a respeito Nunnaly (1967).

Figura 13 Graus de intensidade possíveis: um exemplo

	Concordo plenamente	Discordo plenamente					
20 A associação com meus clientes tem sido muito importante para os negócios da empresa.	7	6	5	4	3	2	1

Fonte: Elaborado pelo IPT.

Para análise dos dados, na segunda parte do questionário foi utilizada a técnica de análise fatorial³⁰ complementada por uma análise de confiabilidade. A análise fatorial procura identificar os componentes comuns a um grupo de variáveis, reunindo as variáveis que podem representar um único fenômeno. Um grupo de variáveis, reunidas por terem elevada covariância (variação em comum), é chamado de componente, ou ainda, fator. A análise de confiabilidade complementa a análise fatorial, e diz respeito à determinação do grau de precisão dos fatores construídos (menor o erro de medida, maior a confiabilidade).

Os fatores extraídos pela aplicação da análise fatorial às respostas obtidas são apresentados no Quadro 1.

Identificados os fatores relativos ao mercado e à firma, procurou-se explicar o desempenho por meio dos fatores de estrutura e de conduta, utilizando-se uma análise de regressão sobre os escores de cada fator.

³⁰ Ver Johnson e Wichern (1992). Para uma análise não matemática, consultar Hair *et alii* (1995).

Quadro 1 - Cadeia Têxtil-Confeção
Resultados da Análise Fatorial: Variáveis componentes dos fatores extraídos

Estrutura

- ✓ Qualidade e Tecnologia (QUAL)
 - Importância do reconhecimento da marca
 - Importância de inovações
 - Ausência de dificuldade na compra de insumos
- ✓ Dificuldades (DIF)
 - Dificuldade com pendências e encargos trabalhistas
 - Dificuldade de obtenção de créditos bancários
 - Dificuldade com a burocracia do recolhimento de impostos
 - Dificuldade em administrar recursos financeiros
- ✓ Concorrência preços (PREÇO)
 - Importância do preço
 - Importância do preço dos concorrentes
 - Ocorrência de compras conjuntas de insumos

Conduta

- ✓ Investimentos em qualidade e produtividade (INV)
 - Investimentos em novas tecnologias
 - Eficiência em programas de melhoria de qualidade
 - Eficiência da automação do processo produtivo
 - Investimentos em informática
 - Investimentos na qualidade de produtos e serviços
 - Investimentos em treinamento de trabalhadores
- ✓ Cooperação na cadeia produtiva (COOP)
 - Eficiência na cooperação com empresas do mesmo ramo
 - Cooperação com fornecedores
 - Cooperação com clientes

Desempenho

- ✓ Crescimento da empresa (CRESC)
 - Aumento do emprego
 - Aumento da participação no mercado
 - Aumento do volume de negócios
- ✓ Rentabilidade da empresa (RENT)
 - Aumento no faturamento
 - Não arrependimento de estar no negócio

Fonte: Elaborado pelo IPT

O passo seguinte consistiu da utilização dos escores fatoriais obtidos na análise de

regressão linear múltipla. Esta técnica permite eleger, por motivos teóricos, uma variável dependente das demais, que por sua vez são consideradas variáveis independentes do modelo. Como dependente, foi escolhida a variável mais importante na caracterização do desempenho, o “crescimento da empresa” (CRESC).

Como os escores são calculados de modo que sua média é zero e seu desvio padrão é 1, os parâmetros estimados são apresentados na forma conhecida como “coeficientes beta”, que mostram a variação em desvio padrão da variável dependente quando a independente se altera.

Foram estimadas equações com todos os cinco escores fatoriais obtidos, mas apenas as variáveis de conduta, INV e COOP, são estatisticamente diferentes de zero. Por fim, foi apresentado o coeficiente de determinação R^2 , que mostra quanto da variância da variável dependente é explicada pelo modelo. Considerando-se que o modelo estimado utiliza variáveis discretas, o ajuste é satisfatório (Tabela 10).

Tabela 10 **Resultados da Análise de Regressão Linear**

Variável dependente: Crescimento da empresa

<i>Variáveis independentes</i>	<i>Coefficiente</i>	<i>Erro padrão</i>
Investimentos (INV)	0,451766 (*)	0,091451
Cooperação na cadeia (COOP)	0,186690 (*)	0,091451

$R^2 = 0,23895$ $DW = 1,94061$ $n = 94$

* significativo a 5%

Fonte: Elaborado pelo IPT.

Os resultados mostram que uma alteração de 1% no desvio padrão da conduta, associada aos investimentos em qualidade e produtividade, tem um impacto no desvio padrão do desempenho das empresas (medido pelo crescimento da firma) em 4,5%. Da mesma forma, uma estratégia de cooperação na cadeia produtiva mais intensa em 1% tem um impacto de 1,9% no desvio padrão do desempenho.

Foram realizadas, ainda, regressões com o segundo fator de desempenho, a

“rentabilidade”. Os resultados apresentados a seguir (Tabela 11) mostram que uma redução de 1% nas “dificuldades administrativas” (DIF), elevaria o desvio padrão do desempenho em 4,3%. Por dificuldades administrativas, entende-se as dificuldades em administrar o recolhimento de impostos, as pendências e encargos trabalhistas e em obter crédito para capital de giro, dado um quadro institucional considerado por elas adverso.

Da mesma forma, numa situação de variação de 1% no desvio padrão da variável PREÇO, haveria uma queda no desvio padrão da rentabilidade de 2,5%. Portanto, com o aumento da concorrência, a rentabilidade das MPEs se reduz.

Por fim, um aumento de 1% no desvio padrão dos investimentos em qualidade e produtividade elevaria o desvio padrão da rentabilidade e, 1,9%.

Tabela 11 **Resultados da Análise de Regressão Linear**

Variável dependente: Rentabilidade

<i>Variáveis independentes</i>	<i>Coefficiente</i>	<i>Erro padrão</i>
Investimentos (INV)	0,191658 (*)	0,092592
Dificuldades Administrativas (DIF)	- 0,430230 (*)	0,091458
Concorrência preço (PREÇO)	- 0,253948 (*)	0,092136

$R^2 = 0,25478$ $DW = 1,95468$ $n = 94$

* significativo a 5%

Fonte: Elaborado pelo IPT.

De acordo com a análise procedida a partir dos dados da pesquisa de campo, os investimentos em qualidade e produtividade são um fator relevante para melhorar o desempenho das empresas da cadeia têxtil-confecção. Ainda em relação à conduta, a necessidade de cooperação foi especialmente enfatizada com relação aos fornecedores.

Conforme as entrevistas que complementam a pesquisa de campo mostraram, as confecções se ressentem da ausência de adequado suprimento de tecidos no mercado

interno (nos padrões e quantidades requeridas), da mesma forma que as empresas têxteis se ressentem com os problemas de preço, de qualidade e de disponibilidade das fibras nacionais, tanto naturais quanto industrializadas (ou químicas).

4. Oportunidades e desafios às MPEs paulistas da cadeia têxtil-confecção

Como o processo têxtil é segmentado e o produto de cada etapa pode ser transacionado no mercado, é grande o potencial de terceirização ao longo da cadeia. Além disso, a maior exposição à concorrência internacional levou as empresas das indústrias têxteis e de confeccionados a buscarem maior racionalidade, do que resultou a focalização num menor número de itens e a especialização em etapas determinadas do processo produtivo.

Estas características representam importantes possibilidades de atuação para as MPEs, especialmente no setor de confecções, que é desconcentrado e abriga muitas unidades de pequeno porte. Este potencial é reforçado pelas dificuldades técnicas existentes à automação da fase de costura e à importância da diferenciação de produtos nas estratégias de concorrência da indústria. Estas duas condições abrem espaços excepcionais para a terceirização da fase de costura pelas grandes empresas, como forma de reduzir os custos do trabalho, e para a existência da pequena produção diferenciada.

O aproveitamento destas oportunidades esbarra em dificuldades representadas principalmente por duas ordens de problemas: um quadro institucional adverso e uma ainda precária interação entre os elos da cadeia.

Os reflexos do quadro institucional adverso sobre as MPEs são representados pela ausência de financiamentos aos investimentos e créditos para capital de giro, além do excesso de burocracia no cumprimento das regulamentações governamentais referentes ao recolhimento de impostos e à administração dos encargos trabalhistas. A baixa interação entre os elos da cadeia, por sua vez, além de trazer pressões adicionais sobre os custos, dificulta o aproveitamento do potencial de terceirização existente.

As principais oportunidades que puderam ser detectadas para as MPEs na cadeia têxtil-confeção, tendo em vista este contexto e a partir da pesquisa de campo e das atividades adicionais realizadas dentro deste trabalho, são as seguintes:

- **O aproveitamento das oportunidades de atuação trazidas pelo potencial de terceirização**, especialmente nas etapas de beneficiamento dos tecidos e na costura.

- **As possibilidades de atuação proporcionadas pela especialização**, que veio intensificar o potencial já existente de terceirização. Apesar da aceleração do progresso tecnológico, ainda existem muitas MPEs nos segmentos de tecelagem plana e beneficiamento de fios e tecidos, pois a especialização tem levado as empresas a se dedicarem a uma única fase do processo, e, nesses segmentos, dependendo do produto a ser obtido, os requisitos técnicos e financeiros ainda permitem a entrada de pequenas firmas.

- **A existência da modalidade de empresa conhecida como “fação”**, espaço ocupado quase que exclusivamente por MPEs.

- **A possibilidade de exploração de nichos**, trazida inclusive pela importância da diferenciação de produtos na cadeia. Entre esses nichos, estão as “roupas profissionais”, comercializadas muitas vezes com as próprias empresas industriais e de serviços (metalúrgicas, hotéis, clubes etc). Outros nichos são representados pela pequena produção de artigos diferenciados.

- **A inexistência de barreiras à entrada, especialmente no segmento de malharia e nas confecções de vestuário**. A notável presença de estabelecimentos de pequeno porte e a inexistência de concentração e de barreiras à entrada fazem do setor de confecções um espaço privilegiado para a atuação das MPEs. Por outro lado, as dificuldades de automação da fase de costura mantêm o setor caracteristicamente trabalho-intensivo, o que lhe confere especial importância do ponto de vista do emprego³¹. No segmento de malhas, como os requisitos técnicos e financeiros

³¹ Segundo os dados do IEMI, o setor de confecções empregou 1.365.528 pessoas em 1995, contra cerca de 500 mil do setor têxtil.

necessários para a operação das plantas são relativamente baixos, também são praticamente inexistentes as barreiras à entrada de novas firmas no mercado.

Os principais desafios identificados para o maior aproveitamento dessas oportunidades por parte das MPEs são os seguintes:

- **A especialização em uma ou poucas etapas do processo produtivo e a focalização em reduzido número de itens**, como formas de redução de custos, melhor aproveitamento dos recursos produtivos e alcance de melhores padrões de qualidade.

- **A modernização dos equipamentos e dos métodos de gestão**, pois a pesquisa revelou que muitas MPEs operam com equipamentos antigos e de segunda mão. Embora a produção diferenciada e em pequenos lotes, como os tecidos de moda, possa ser realizada com equipamentos antigos, dadas as constantes paradas de máquina, a utilização indiscriminada desses equipamentos dificulta a obtenção de níveis de produtividade satisfatórios. A modernização dos métodos de gestão é uma necessidade detectada no bojo do grande peso atribuído às inovações, por ocasião da pesquisa de campo.

- **O acesso aos canais de comercialização**, pois embora os atacadistas e as cadeias de varejo representem importantes canais, as MPEs têm dificuldades para fornecer a estes clientes dentro dos padrões de qualidade, preço e prazo exigidos por eles.

- **A redução dos prazos de entrega**, pois a pesquisa revelou ser esta a principal exigência dos clientes das MPEs, seguida pela observância de determinados padrões de qualidade e preços competitivos.

- **A eliminação das dificuldades na aquisição de insumos**, através, por exemplo, da instituição de sistema de compras conjuntas.

- **A melhoria das relações entre os elos da cadeia**, que certamente terá impactos positivos sobre a aquisição de insumos. Além disso, como cada etapa do processo

oferece ao mercado um produto acabado e como tecnicamente as etapas estão estreitamente interligadas, a fluidez na relação entre elas é muito importante para a obtenção de produtos competitivos.

- **O acesso a canais de financiamento e a mecanismos simplificadores dos procedimentos administrativos**, pois a pesquisa mostrou que as MPEs se ressentem da ausência de crédito e do excesso de burocracia para o cumprimento de exigências legais. Além disso, é importante reafirmar que um importante entrave à atuação das micro e pequenas empresas tem sido a inexistência de linhas especiais de financiamento e as altas taxas de juros praticadas no mercado, que obrigam as empresas a operarem unicamente com recursos próprios, seja para capital de giro, seja para investimentos.

5. Conclusões

A cadeia têxtil-confecção distingue-se pela forte presença de MPEs. Os segmentos nos quais estas empresas mais se fazem presentes são os de malharias e de confecções de vestuário. No primeiro praticamente não existem barreiras à entrada e à saída de empresas no mercado: o capital inicial necessário para a constituição de uma nova empresa no ramo é muito baixo e a rotatividade é bastante alta. Além disso, o segmento de malharia tem sido beneficiado pelo crescimento da preferência dos consumidores pelos produtos de malha. No segundo as MPEs se beneficiam das enormes possibilidades de diferenciação de produtos e de atuação em “nichos” de pequena produção, além das dificuldades técnicas da automação da fase de costura.

Os segmentos de tecelagem (de fios e fibras artificiais e sintéticas) e de acabamento de fios e tecidos também representam importantes espaços de atuação para as MPEs, embora sua incidência nestes segmentos não seja tão marcante quanto nos anteriores. No de tecelagem as MPEs se beneficiam das inúmeras possibilidades de diferenciação de produtos – o chamado segmento de tecidos de moda – e no de acabamento da possibilidade de execução e uma única ou poucas atividades de beneficiamento para terceiros (tinturaria, estampagem, acabamentos especiais etc).

Nos quatro segmentos relacionados, e em especial nos de acabamento de fios e tecidos e

confeções de vestuário, as possibilidades já existentes à atuação de MPEs são ampliadas pelo movimento de terceirização de fases do processo empreendido pelas empresas integradas. Notadamente no segmento de vestuário, tem sido grande a transferência da fase da costura para micro e pequenas empresas constituídas como “fação”, em virtude das vantagens de custo proporcionada pela terceirização.

As maiores dificuldades à ocupação desses espaços são representadas por fatores de estrutura, nos quais se sobressaem os juros altos e a ausência de financiamentos, notadamente para capital de giro, e por fatores de conduta e desempenho das firmas, entre os quais merecem ser destacados a baixa capacidade gerencial da maior parte das MPEs da cadeia. Esta dificuldade se manifesta principalmente na alta rotatividade das MPEs, especialmente das microempresas, no uso de equipamentos já obsoletos, na dificuldade de expandir os mercados, na quase incapacidade total de exportar e na dificuldade de satisfazer os padrões de qualidade e prazo de entrega exigidos pelos clientes.

Referências Bibliográficas

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO VESTUÁRIO. *Documento oficial da Abravest sobre o setor têxtil/vestuário*. São Paulo: ABRAVEST, 1996.
- CARTA TÊXTIL ABIT/SINDITÊXTIL, São Paulo: Abit/Sinditêxtil, junho 1996. (edição extra)
- CARTA TÊXTIL ABIT/SINDITÊXTIL, São Paulo: Abit/Sinditêxtil, junho. 1997. (edição extra)
- FEA/USP-SIND/CDI. *Análise de Setores Industriais 1980-81*. Indústria Têxtil. Brasília: CDI, 1982.
- GORINI, A.P.F. e SIQUEIRA, S.H.G. *Tecelagem e Malharia*. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, nº 7, março 1998.
- HAIR, J. F. Jr *et alii Multivariate data analysis with readings*. Englewood Cliffs, N.J: Prentice Hall, 1995.
- HIRATUKA, C. *Estruturas de coordenação na cadeia têxtil: um estudo sobre as relações entre a indústria têxtil e os fornecedores de fibras químicas, fibras de algodão e máquinas têxteis no Brasil*. Campinas: 125p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- INSTITUTO DE ESTUDOS E MARKETING INDUSTRIAL. *Anuário Estatístico da Indústria Confeccionista no Brasil - 1990 a 1996*. São Paulo: IEMI, 1997. 84p.
- INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS. *A industrialização brasileira: diagnóstico e perspectivas*. Rio de Janeiro: IPEA, 1968. 404p. (Documentos IPEA 4).
- INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS. *Economia paulista no contexto da globalização*. São Paulo: IPT/DEES, 1996. (Relatório Técnico 34.690)
- INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS. *Diagnóstico do design no Estado de São Paulo: setor têxtil e vestuário*. São Paulo: IPT/DEES, 1997. (Relatório Técnico 35.811).
- JOHNSON, R. A. & WICHERN, D. W. *Applied multivariate statistical analysis*. Englewood Cliffs, N.J: Prentice Hall, 1992.
- MYTELKA, L.K. Technological change and the global relocation of production in textiles and clothing. *Studies in Political Economy*, v.36, p.109-43, Fall 1991.
- NUNNALLY, J. C. *Psychometric Theory*. New York: McGraw-Hill, 1967.
- OLIVEIRA, M.H.; MEDEIROS, L. A R.; Investimentos necessários para a modernização do setor têxtil. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, nº 3, p.73-93, março 1996.

Anexos

Quadro A.1 **Dimensões, componentes, itens e confiabilidade**

Dimensão	Componente	Itens	α_C
Desempenho	Crescimento	d16, d18, d39	69,6%
	Rentabilidade	d28, d45	82,0%
Estrutura	Qualidade e Tecnologia	e29, e31, e36	68,1%
	Dificuldades Administrativas	e10, e17, e22, e40	58,1%
	Concorrência preço	e07, e15, e34	42,4%
Conduta	Investimentos em qualidade e produtividade	c13, c14, c24, c25, c41, c42	66,3%
	Cooperação na cadeia produtiva	c03, c20, c30	78,6%

Fonte: Pesquisa de campo 04/98. Elaboração: IPT.

Fatores extraídos

Dimensão Desempenho

Crescimento

Código	Item
d16	Minha empresa vem aumentando muito o número de empregados.
d18	A participação de mercado da minha empresa tem aumentado bastante.
d39	O volume de negócios da minha empresa vem crescendo muito.

Rentabilidade

Código	Item
d28	O faturamento da minha empresa vem caindo bastante.
d45	Estou muito arrependido de ter entrado neste negócio.

Dimensão Estrutura

Qualidade e Tecnologia

Código	Item
e29	O reconhecimento da marca é fundamental no mercado em que minha empresa atua.
e31	Para minha empresa, a compra de insumos não constitui um problema muito grave.
e36	No segmento em que minha empresa atua, está ocorrendo um grande número de inovações.

Dificuldades Administrativas

Código	Item
c13	Para minha empresa, a burocracia associada ao recolhimento de impostos constitui uma atividade administrativa muito difícil.
c25	A administração das pendências e encargos trabalhistas é uma dificuldade muito grande para minha empresa.
c41	A administração das pendências e encargos trabalhistas é uma dificuldade muito grande para minha empresa.
c42	Minha empresa não tem dificuldades na obtenção e administração de recursos financeiros.

Concorrência preços

Código	Item
e07	O preço não é importante no mercado em que minha empresa atua.
e15	No segmento em que minha empresa atua, vem ocorrendo compras conjuntas de insumos.
e34	O preço de minha concorrente é irrelevante na definição do preço do meu produto/serviço.

Dimensão Conduta

Investimentos em qualidade e produtividade

Código	Item
c13	A minha empresa tem investido muito em programas de treinamento dos trabalhadores.
c14	A informática tem sido fundamental para o bom desempenho da minha empresa.
c24	A automação do processo produtivo vem sendo fundamental para o desempenho da minha empresa.
c25	Minha empresa tem investido muito no desenvolvimento da qualidade de produtos e serviços.
c41	A minha empresa tem investido muito em novas tecnologias de produto e de processo.
c42	A adoção de programas de qualidade e/ou de equipamentos como o CAD-CAM vem sendo fundamental para o bom desempenho de minha empresa.

Cooperação na cadeia produtiva

Código	Item
c03	A cooperação com empresas do setor têxtil, para o desenvolvimento de produtos, tem sido muito importante para os meus negócios.
C20	A cooperação com clientes para o desenvolvimento de produtos tem sido muito importante para os meus negócios.
C30	A cooperação com fornecedores para o desenvolvimento de produtos tem sido muito importante para os negócios de minha empresa.

Ao reunir as afirmações do questionário em componentes, a análise fatorial revela sua importância em dois aspectos: a capacidade de sintetizar informações e a propriedade de identificar o papel de cada componente na determinação do desempenho. Em vez de

analisar afirmação por afirmação – seus escores médios, desvios padrão etc. –, pode-se estudar a estrutura, a conduta e o desempenho das empresas por meio dos componentes que reúnem as afirmações representantes de um mesmo fenômeno. Além disso, pode-se analisar as relações funcionais entre as dimensões do modelo ECD, pela análise de regressão, destacando a importância de cada componente na determinação do desempenho da empresa.

Realização: Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo (Sebrae-SP)
Divisão de Economia e Engenharia de Sistemas (DEES)/
Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S/A (IPT)

Equipe Técnica:

Sebrae-SP: Marco Aurélio Bedê, Pedro João Gonçalves, Hao Min Huai e Ana Flávia Teixeira.

IPT: Neusa Serra, Edna Baptista dos Santos Gubitoso, Adriana de Siqueira e Daniel Augusto Feldmann.

Nota Metodológica:

Este relatório apresenta os principais resultados de pesquisa sobre a cadeia têxtil-confecções no Estado de São Paulo, com ênfase nos segmentos industriais com maior presença de MPEs. O estudo é composto da descrição e quantificação dos segmentos da cadeia no Estado, seguido da análise da concentração e participação relativa das micro e pequenas empresas nos elos da cadeia e de uma pesquisa de campo, onde são analisadas as oportunidades e desafios das MPEs do setor. A margem de erro *a priori* da pesquisa de campo é de 8,4 pontos percentuais, para um nível de confiança de 95%.

Sebrae-SP - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo
Pesquisa e Planejamento Estratégico
Rua Vergueiro, 1.117 – Paraíso,
CEP 01504-001 – São Paulo – SP.

Homepage: <http://www.sebraesp.com.br>

e-mail: pesqeco@sebraesp.com.br

Informações sobre produtos e serviços do Sebrae-SP: 0800-780202

Informações sobre este relatório: (11) 3177-4715/4709/4712 /4716